

CLIPPING SHIRE

Gazeta Mercantil 12.11.2007

Shire e Amicus fecham acordo de licenciamento

IOLANDA NASCIMENTO
SÃO PAULO

O grupo farmacêutico anglo-americano Shire anunciou na última sexta-feira que seu braço de biotecnologia, a Shire Human Genetic Therapies (Shire HGT), firmou acordo para desenvolver e licenciar os primeiros medicamentos em pesquisa da norte-americana Amicus, por US\$ 440 milhões. Os produtos estão em fase 1 e 2 de estudos clínicos — esta última considerada avançada, já que uma grande quantidade de pacientes é testada — e, segundo o contrato, os gastos das empresas até o final das pesquisas serão compartilhados igualmente. Após aprovados, a Shire terá o direito de comercialização dos medicamentos fora dos Estados Unidos, incluindo o Brasil. A Amicus ficará com o mercado norte-americano.

A Shire HGT, que abriu subsidiária no Brasil em agosto último, irá investir nos próximos dois anos US\$ 5 milhões em várias pesquisas clínicas no País, entre elas possivelmente as da parceria com a Amicus, disse Roberto Marques, que comanda as operações brasileiras da companhia.

O executivo explicou que os primeiros resultados dos estudos foram muito animadores e que a Amicus, uma pequena empresa de biotecnologia que recentemente abriu capital, tem uma tecnologia totalmente inovadora na área de doenças do depósito lisossômico — genéticas e raras, que se caracterizam por imperfeição de enzimas. O portfólio também atraiu a Shire porque complementa sua própria carteira de produtos.

Conforme Marques, a tecnologia da Amicus é a chaperona farmacológica. Chaperona na época renascentista era o nome dado a meninos que ajudavam os nobres a se vestir e ajudar é a palavra-chave para o seu trabalho com as en-

zimas. Uma enzima apresenta problemas porque seu processo de envelhecimento aconteceu de maneira errada. "A chaperona encaminha a proteína a corrigir o que está errado até que ela atinja a configuração correta. E nesse processo, ela desenrola a enzima e a ajuda a se envelhecer da maneira correta."

Mas a tecnologia vai além disso. Hoje, as terapias de reposição enzimáticas são intravenosas, o que requer o deslocamento de pacientes às clínicas para aplicações que podem durar até 5 horas. Já esses medicamentos são ministrados via oral, em cápsulas. Marques acredita que, dependendo do estágio das doenças, será possível tratamen-

to apenas com as drogas orais para muitos pacientes. Outros poderão misturar as duas terapias e somente os casos mais avançados utilizarão o método tradicional.

"Não existe no mundo hoje nenhum produto e nenhuma empresa testando medicamento com essa tecnologia. O uso da chaperona para correção de enzimas é uma descoberta relativamente nova." Os produtos em fase 2 são o Plicera, para o tratamento da doença de Gaucher, e o Amigal, para a doença de Fabry. A empresa tem ainda o AT2220, para tratamento da doença de Pompe, que está em estágio 1.

A terapia para tratar a doença de Gaucher deverá movimentar globalmente este ano em torno de US\$ 1,1 bilhão, prevê Marques que estima em US\$ 150 milhões no Brasil. Já as de Fabry deverão gerar receitas de cerca de US\$ 575 milhões em âmbito mundial e as de Pompe, US\$ 190 milhões.

**NEGOCIAÇÃO
SOMARÁ US\$**

440

*milhões e Shire
terá direitos
fora dos EUA*

The logo for Shire, featuring a stylized blue swoosh above the word "Shire" in a bold, blue, sans-serif font.